

NORTENE



ROBERTO RODRIGUES

UMA SUPER ENTREVISTA COM UMA DAS MAIORES REFERÊNCIAS DO AGRO BRASILEIRO

PÁGINA 9

FINAL DA SAFRA RECORDE!

POR TADEU VINO

EX-SUPERINTENDENTE COMERCIAL E DE MARKETING DA KEPLER WEBER

PÁGINA 21

GEOMEMBRANAS NOS PROJETOS DE IRRIGAÇÃO

POR PROF. EVERARDO

PROFESSOR SÊNIOR DA UFV, DIRETOR DA IRIPLUS E CONSULTOR

PÁGINA 13

SUSTENTABILIDADE E GOVERNANÇA NO AGRONEGÓCIO

POR RENATO SILVA

EX-PRESIDENTE DA VALMONT BRASIL E CONSELHEIRO DE GRANDES EMPRESAS DO AGRONEGÓCIO.

PÁGINA 17



TRUMP

COMO AS TARIFAS DE TRUMP AFETAM AS EXPORTAÇÕES DO AGRO

PÁGINA 3



EDITORIAL

A Nortène tem mais de quatro décadas de história, construída com muito trabalho, inovação e responsabilidade. Tenho o privilégio de fazer parte dessa trajetória em um momento em que os desafios do desenvolvimento sustentável e da eficiência produtiva estão cada vez mais interligados.

Foi com esse olhar — de respeito ao passado e foco no futuro — que idealizamos a Revista Nortène, uma publicação mensal criada para ampliar a conversa com todos os setores em que atuamos: agronegócio e proteção ambiental. Nossa proposta é levar, todos os meses, conteúdo qualificado, com a participação de especialistas e pessoas influentes do segmento, contribuindo com reflexões e soluções relevantes para os desafios atuais. Soluções inteligentes são realmente eficazes quando vêm acompanhadas de conhecimento técnico, diálogo e compromisso com o impacto positivo. E é exatamente isso que queremos compartilhar aqui: experiências, tendências, tecnologias e histórias de quem está fazendo a diferença.

A Revista Nortène é mais do que um veículo de conteúdo — é parte do nosso compromisso com você, nosso cliente e parceiro. Esperamos que esta leitura inspire novas conexões, ideias e caminhos para continuar protegendo mais e produzindo melhor, sempre com responsabilidade.

Muito obrigado por nos acompanhar nessa jornada.

DIRETOR GRUPO NORTÈNE

Os artigos assinados são de responsabilidade dos autores. Imagens com fins ilustrativos.
Reprodução permitida com citação: Revista Nortène – Grupo Nortène.

Head: Roberta Marques
marketing@nortene.com.br

Site: www.nortene.com.br





GUERRA COMERCIAL: COMO AS TARIFAS DE TRUMP AFETAM AS EXPORTAÇÕES AGRÍCOLAS DO BRASIL

A recente imposição de tarifas pelo presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, gerou uma série de repercussões no comércio internacional, afetando diretamente as exportações agrícolas do Brasil. Este artigo examina o impacto dessas tarifas no agronegócio brasileiro, destacando os desafios e oportunidades que emergem desse novo cenário.

Em 2 de abril de 2025, Donald

Trump anunciou a implementação de tarifas sobre importações de diversos países, incluindo o Brasil. Especificamente, foi aplicada uma tarifa base de 10% sobre os produtos brasileiros. Embora essa taxa seja considerada moderada em comparação com as impostas a outros países – como 34% para a China (com relatos de escalada posterior) e 20% para a União Europeia – ela ainda representa um desafio significativo para as exportações brasileiras.

Impacto no Agronegócio Brasileiro

Os Estados Unidos são um dos principais destinos dos produtos agropecuários brasileiros, ocupando a terceira posição, atrás apenas da China e da União Europeia. Produtos como café verde, suco de laranja e carne bovina têm nos EUA um mercado consumidor relevante. A aplicação de uma tarifa de 10% pode afetar a competitividade desses produtos no mercado americano, potencialmente reduzindo as exportações e impactando negativamente os produtores brasileiros.

Café

O café brasileiro, especialmente o

robusta, pode enfrentar desafios e oportunidades distintas. Enquanto o Brasil foi submetido a uma tarifa de 10%, outros concorrentes, como Vietnã e Indonésia, enfrentaram tarifas iniciais mais elevadas. Isso pode tornar o café brasileiro mais competitivo em relação a esses países no mercado americano, embora a volatilidade nos mercados futuros e a reação do consumidor à alta dos preços gerem incertezas.

Suco de Laranja

O suco de laranja é um dos produtos significativamente afetados. Com os EUA sendo responsáveis por uma parcela expressiva das exportações brasileiras desse produto (anteriormente perto de 40%)



a tarifa adicional de 10% (somando-se a taxas preexistentes) representa um custo adicional considerável. Estimativas mais recentes indicam que o impacto financeiro pode ser substancial, potencialmente ultrapassando R\$ 1 bilhão anuais segundo algumas análises, e a CNA projeta uma possível queda acentuada no volume exportado para os EUA.

Carne Bovina

A carne bovina brasileira já enfrenta tarifas de importação nos EUA, além de cotas. A nova tarifa de 10% se soma a essa estrutura, potencialmente elevando os custos e reduzindo a competitividade da carne brasileira no mercado americano, embora possa surgir alguma oportunidade no mercado chinês devido à disputa comercial EUA-China, caso a China busque fornecedores alternativos.

Reações e Estratégias do Setor

Diante desse cenário, representantes do agronegócio brasileiro têm manifestado preocupação e buscado estratégias para mitigar os impactos. A Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) identificou 19 produtos do agronegócio que podem sofrer impactos "críticos" ou "altos" devido às novas tarifas. A entidade enfatiza a necessidade de negociações diplomáticas, no contexto em que o Congresso brasileiro também aprovou mecanismos de reciprocidade comercial como ferramenta de negociação. Além disso, algumas empresas consideram alternativas como a produção em outros países para contornar as barreiras tarifárias.

As tarifas impostas por Donald Trump representam um desafio significativo para as exportações agrícolas do Brasil. Embora haja algumas oportunidades emergentes, especialmente devido às tarifas mais elevadas impostas a concorrentes diretos, o impacto geral tende a ser negativo, afetando a competitividade e a rentabilidade de diversos produtos brasileiros no mercado americano. O momento exige ações coordenadas entre o governo e o setor privado para explorar alternativas, diversificar mercados e fortalecer a posição do agronegócio brasileiro no cenário internacional.

Perspectivas Futuras

O Brasil necessita de estratégia: acelerar acordos (Mercosul-UE) para diversificar mercados, reduzir dependência dos EUA e mitigar tarifas. A guerra comercial EUA-China pode abrir o mercado chinês (ex: soja), mas exige cautela pela dependência e riscos de disputas ou acordos sino-americanos. As tarifas de Trump desafiam o agro brasileiro. Apesar de oportunidades pontuais (concorrentes mais taxados), o impacto geral é negativo na competitividade. Urge ação coordenada (governo/setor privado) para negociar, diversificar e fortalecer o agronegócio.

Informações atualizadas em 13/04/2025. O cenário está sujeito a alterações.



BRUNO ROSSAFA

Engenheiro Agrícola, com mais de 15 anos no campo,

Bruno é referência em soluções de armazenagem, atuando como especialista técnico nas tecnologias silobolsa e Wrap para algodão.

Proteger a Fibra é multiplicar o valor do algodão

Nos primeiros meses deste ano, acompanhamos um cenário de oscilação nos preços do algodão e, ao mesmo tempo, uma preocupação crescente com a qualidade da fibra entregue ao mercado. Segundo o CEPEA/ESALQ, em 9 de abril de 2025, o indicador da pluma registrava 428,67

centavos por libra-peso (c/lp). Apesar dessa relativa estabilidade recente no indicador, um fator tem preocupado produtores e compradores: a perda de qualidade no armazenamento, especialmente no enfardamento. É cada vez mais comum encontrarmos nas lavouras sinais de contaminação por plásticos, poeira e degradação da fibra, causados por práticas inadequadas e pelo uso de materiais que não oferecem a proteção necessária.

Do ponto de vista técnico, um dos principais responsáveis por esse cenário é o uso de filmes de baixa qualidade, com formulação e aditivação insuficientes. Em campo, o que se observa são fardos mal vedados, que absorvem umidade, retêm sujeira e deixam a pluma vulnerável — e isso impacta diretamente no valor do algodão e no retorno do produtor. A proteção da fibra começa no campo, e não pode ser tratada como uma etapa secundária. É fundamental que o produtor utilize materiais fabricados com matéria-prima 100% virgem, que garantam vedação eficiente, alta resistência mecânica e proteção contra agentes externos como sol, chuva, poeira e impactos.

Outro ponto importante é o controle da umidade no momento do enfardamento. O ideal, segundo estudos técnicos, é manter o índice entre 6% e 8%. Acima disso, o risco de proliferação de fungos aumenta, favorecendo o amarelamento da fibra — o que compromete tanto a aparência quanto a reputação do algodão brasileiro no mercado internacional.

Nos últimos anos, entidades como a Embrapa e a Abrapa têm reforçado a importância de boas práticas no armazenamento e no uso de materiais adequados. E esse é um ponto que compartilho com frequência em campo: se queremos um algodão valorizado, limpo e competitivo, temos que investir em proteção de qualidade. Como especialista técnico em plásticultura, tenho acompanhado a aplicação do Polimanta Wrap, uma solução que vem se destacando por sua eficiência na proteção da pluma. Trata-se de um filme stretch com estrutura de múltiplas camadas — uma adesiva e outra não adesiva — que proporciona vedação superior, excelente resistência mecânica e segurança operacional. Sua formulação facilita o processo de separação dos wraps, evita a contaminação da fibra e

reduz riscos no manuseio, tanto na formação dos fardos quanto no armazenamento e transporte. Outro ponto essencial: é produzido exclusivamente com material virgem, o que garante maior estabilidade e durabilidade, sem risco de falhas causadas por reciclados.

Em um setor tão técnico e exigente como o nosso, não podemos subestimar os detalhes, pois são eles que muitas vezes definem o sucesso ou prejuízo de uma safra. Todo o cuidado com o cultivo e a colheita pode ser comprometido se o armazenamento não receber a mesma atenção. A escolha do material de enfardamento não é um custo, e sim uma extensão do investimento em qualidade. Um bom filme protege a fibra, reduz perdas, facilita a logística e agrega valor na comercialização.

Em um mercado competitivo, proteger bem é essencial para entregar um algodão valorizado e manter a credibilidade do produtor.



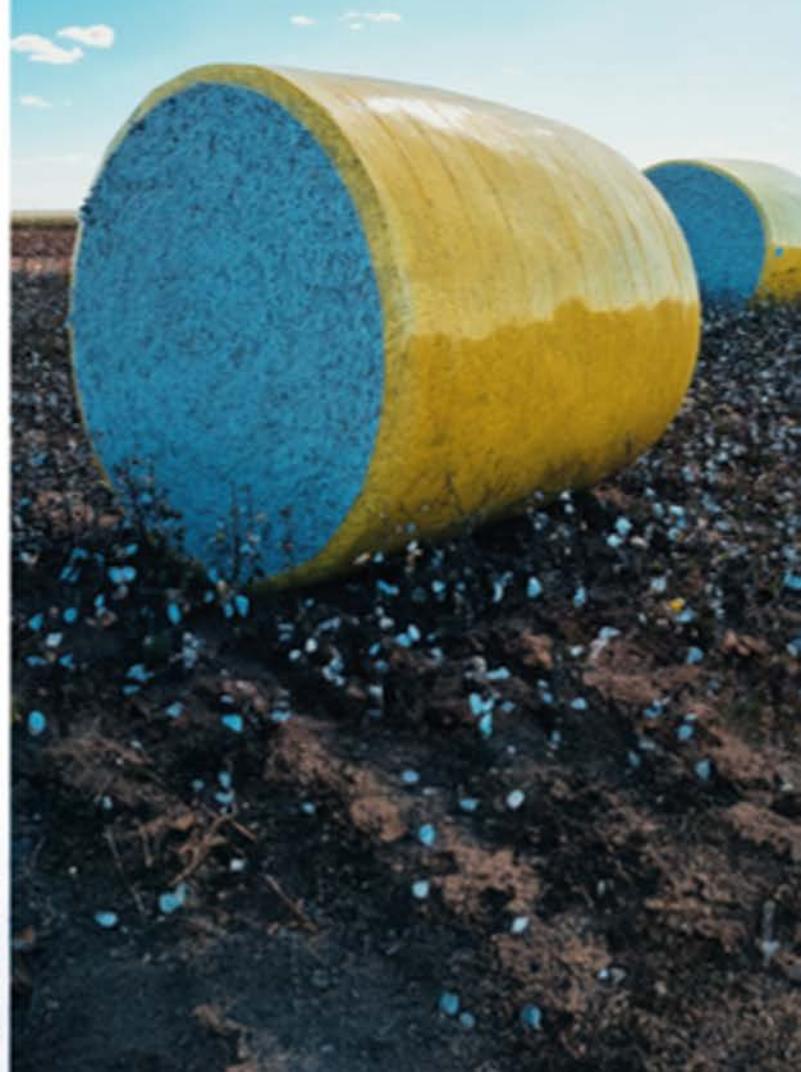
**Você arriscaria
perder seu
algodão?**



NORTENE

*Protegendo mais e
produzindo melhor com
responsabilidade.*

PolimantaWRAP



A close-up, black and white portrait of Roberto Rodrigues, an elderly man with dark hair and deep wrinkles, looking slightly to the right of the camera.

O FUTURO DO AGRO BRASILEIRO



Roberto Rodrigues

Uma das pessoas mais importantes do Agro Brasileiro



ROBERTO RODRIGUES É ENGENHEIRO AGRÔNOMO E FOI MINISTRO DA AGRICULTURA DO BRASIL (2003-2006). COM UMA CARREIRA SÓLIDA NO AGRONEGÓCIO, FOI PRESIDENTE DA ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS BRASILEIRAS (OCB) E DA ALIANÇA COOPERATIVA INTERNACIONAL (ACI). ATUALMENTE, É PROFESSOR EMÉRITO DA FGV E EMBAIXADOR ESPECIAL DA FAO PARA O COOPERATIVISMO, SENDO UMA DAS MAIORES AUTORIDADES DO SETOR NO PAÍS.

ENTREVISTA EXCLUSIVA – ROBERTO RODRIGUES

A agropecuária brasileira se encontra em um momento decisivo, diante de desafios globais que impactam diretamente o setor. Em entrevista exclusiva à Revista Nortène, o ex-ministro da Agricultura e atual **conselheiro da Nortène**, Roberto Rodrigues, analisa a importância da irrigação e da tecnologia na superação desses desafios. Baseando-se no conceito dos "Quatro Cavaleiros do Apocalipse", ele explica como o agronegócio pode ser a solução para problemas estruturais da humanidade.

Para ele, o agronegócio não é o problema, mas sim a solução para essas ameaças. **"Não tenho nenhuma dúvida de que o grande responsável pela derrota desses cavaleiros do apocalipse será o agro. Mas qual agro? O agro tropical, que abrange a América Latina, a África Subsaariana e parte da Ásia. E nessa faixa do planeta, quem tem hegemonia tecnológica, conhecimento sobre legislação, logística e agroindústria é o Brasil"**, destaca.



IRRIGAÇÃO COMO SOLUÇÃO PARA A INSEGURANÇA ALIMENTAR

Com uma população global crescente e a demanda por alimentos em alta, garantir a produção sustentável é essencial. A irrigação eficiente surge como uma peça-chave nesse processo. **"O Brasil é um dos poucos países que pode aumentar fortemente a produção de alimentos sem desmatar uma única árvore. Isso será possível com o uso de novas tecnologias, onde a irrigação terá um papel fundamental na ampliação da produtividade."** Além disso, Rodrigues enfatiza que a irrigação contribui para a redução do desperdício hídrico, permitindo um uso mais inteligente da água disponível.



ROBERTO RODRIGUES E CARLA DE FREITAS: UMA PARCERIA QUE TRANSFORMA O AGRONEGÓCIO BRASILEIRO



O agronegócio brasileiro é impulsionado por líderes que dedicam suas vidas ao desenvolvimento sustentável do setor. Entre essas personalidades, destacam-se **Roberto Rodrigues e Carla de Freitas**, cuja união pessoal e profissional tem gerado impactos significativos na agricultura e pecuária. Roberto Rodrigues, engenheiro agrônomo e ex-ministro da Agricultura (2003-2006), sempre defendeu o cooperativismo e a inovação no campo. Sua atuação como embaixador especial da FAO, presidente da Aliança Internacional das Cooperativas e professor emérito da Fundação Getúlio Vargas reforça seu compromisso com a modernização e competitividade do agro brasileiro.

Já **Carla de Freitas**, pecuarista e empresária, tem sido referência na implementação de práticas sustentáveis na pecuária, adotando sistemas de Integração Lavoura-Pecuária (ILP) em Rondônia. Além disso, é uma das fundadoras do Núcleo Feminino do Agronegócio (NFA), uma organização que promove a participação feminina no setor. Juntos, Roberto e Carla representam a convergência de experiência e inovação, contribuindo para um agronegócio mais sustentável, tecnológico e inclusivo. Seu trabalho evidencia que o futuro do agro passa pela união entre conhecimento técnico, gestão eficiente e compromisso social.



EVERARDO MANTOVANI

Professor Sênior da UFV,
Diretor da Irriplus e
Consultor

Geomembranas nos projetos de irrigação

Falar sobre irrigação no Brasil é falar de segurança hídrica, produtividade e, cada vez mais, de sustentabilidade. Em um país com tantas variações climáticas e desafios no acesso a fontes confiáveis de água, garantir que cada gota captada seja bem

armazenada e bem utilizada deixou de ser uma escolha – tornou-se uma necessidade estratégica.

Ao longo dos últimos anos, acompanhei de perto a evolução de diversas tecnologias no campo, e poucas me impressionaram tanto quanto o uso das geomembranas para impermeabilização de reservatórios. Essa solução tem transformado a forma como propriedades rurais gerenciam a água, reduzindo drasticamente as perdas por infiltração e representando, na prática, um alívio nos custos operacionais e ambientais.

Já presenciei propriedades que, após adotarem essa solução, alcançaram economias de até 60% nos gastos com energia, principalmente pela possibilidade de operar sistemas de bombeamento nos horários de tarifa reduzida. E tudo isso com um investimento inicial que gira em torno de 10 a 15% do valor total de um sistema de irrigação

com pivô central. Ou seja, o retorno costuma vir em menos de dois anos — e o custo-benefício é inquestionável.

Mas não basta investir. É preciso investir certo. O cumprimento das normas técnicas, como a NBR 16199/2020, é fundamental para garantir a durabilidade, o desempenho e a segurança dos reservatórios. Ignorar essas diretrizes pode ter consequências graves: já vi de perto instalações mal feitas resultando em falhas estruturais, paralisação da irrigação em momentos críticos e até danos ambientais irreversíveis. Em um caso marcante, um produtor foi autuado em mais de R\$ 600 mil após o rompimento de um reservatório mal instalado — um prejuízo que poderia ter sido evitado com planejamento e responsabilidade.

A tendência é que o uso das geomembranas deixe de ser visto como um “extra” e passe a ser considerado componente estrutural dos projetos de irrigação. Em alguns estados, inclusive, sua utilização já é obrigatória para obtenção de outorga de uso da água, reforçando ainda mais sua relevância estratégica.

Ao longo da minha trajetória, aprendi que o sucesso da irrigação não depende apenas do pivô, dos emissores ou da vazão. Ele começa antes — no reservatório. É ali que podemos garantir a viabilidade, a produtividade e a sustentabilidade da agricultura brasileira no presente e, principalmente, no futuro.

Soldar não é instalar: o que está em jogo na aplicação de geomembranas

Por: **Sérgio Costa** – Engenheiro e Mestre com 15 anos de experiência em Geotecnia, referência em Geossintéticos e Obras de Terra.

Em tempos de investimento em irrigação, gestão de resíduos e obras ambientais, a aplicação de geomembranas tem ganhado espaço em projetos de todos os portes. Mas com a popularização do uso, cresce também um risco silencioso: a confusão entre “soldar” e “instalar” geomembranas.

Essa diferença vai muito além da semântica. Ela separa o sucesso técnico de uma obra do fracasso operacional.

Enquanto a instalação é um processo de engenharia completo, com planejamento, responsabilidade técnica e cumprimento de normas, a solda feita por profissionais sem formação específica costuma se limitar à união de painéis, sem garantir segurança, durabilidade ou conformidade legal. A NBR 16199/2020 é clara: a instalação correta deve seguir parâmetros específicos, testes de campo,





registros documentais e contar com um responsável técnico legalmente habilitado. Sem isso, o projeto pode sofrer falhas estruturais, rompimentos, perda de garantias de fábrica e até sanções ambientais ou judiciais. Em campo, vemos casos recorrentes de profissionais com máquinas de solda – muitas vezes adquiridas de segunda mão – oferecendo serviços sem ART, sem plano de corte, sem testes de estanqueidade e, o mais grave, sem noção dos riscos associados. Um projeto executado por um “soldador informal” pode parecer mais barato, mas o custo do erro é altíssimo. Estudos indicam que a instalação representa, em média, apenas 2% do custo total de uma obra, enquanto os danos de uma falha podem comprometer todo o investimento. A lógica é simples: não se economiza em um item que protege tudo o que está por baixo e por cima dele. Além do aspecto técnico, há o impacto jurídico. Quando não há ART, a responsabilidade recai diretamente sobre o engenheiro da obra e, em muitos casos, também sobre o proprietário. Isso pode incluir responder por crimes ambientais, negligência ou até enfrentar a suspensão de licenças.

Por isso, é essencial entender que instalar geomembranas é um serviço técnico especializado, que exige planejamento, execução criteriosa e responsabilidade legal. O instalador não apenas une painéis – ele segue um plano de corte, realiza testes de campo, documenta cada etapa e garante que tudo esteja conforme as exigências da norma.

A comparação pode parecer simples, mas é eficaz: confiar uma instalação a um soldador não qualificado é como entregar um carro de luxo nas mãos de alguém que não sabe dirigir. O equipamento até pode ser bom – mas sem preparo, a chance de desastre é grande. No momento em que o agronegócio, a indústria e o setor ambiental caminham para mais profissionalização e responsabilidade técnica, valorizar o conhecimento e a engenharia por trás da instalação de geomembranas é proteger não só a obra, mas também o futuro de quem investe nela.



**RENATO
SILVA**

Ex- Presidente da Valmont Brasil e Conselheiro de Grandes Empresas do Agronegócio

Sustentabilidade e governança no agronegócio: uma interdependência necessária

Discutir governança corporativa no agronegócio não é mais algo restrito às grandes corporações ou às empresas de capital aberto. O tema tornou-se estratégico

para toda e qualquer organização que deseje perenidade, reputação e alinhamento com um mundo que exige responsabilidade ambiental e social como condição básica para fazer negócios. O modelo de crescimento que sustentou a expansão do agro nas últimas décadas precisa, agora, incorporar de forma real e efetiva os princípios da sustentabilidade integrada à governança.

Isso significa adotar uma visão que reconhece que as organizações estão inseridas em contextos complexos, interdependentes de fatores econômicos, sociais e ambientais. Produzir mais, sim – mas com consciência de que as decisões de hoje moldam o solo, a água, o clima e as comunidades de amanhã.

O conceito de "Economia da Mutualidade", parte da premissa de que é possível – e necessário – gerar valor simultaneamente para a empresa, para as pessoas e para o planeta. Trata-se de equilibrar os interesses dos acionistas com os de todos os stakeholders, construindo um modelo de negócio sustentável não apenas nos discursos, mas nas práticas e métricas.

A governança corporativa moderna traz ferramentas concretas para isso. Estruturas como conselhos de administração atuantes, comitês temáticos (sustentabilidade, auditoria, riscos) e sistemas de gestão integrados são capazes de conectar estratégia, cultura organizacional e impacto socioambiental de forma clara, monitorável e com responsabilização definida.

É justamente essa governança que promove transparência, equidade, prestação de contas e responsabilidade corporativa – os quatro princípios fundamentais estabelecidos pelo Instituto Brasileiro de Governança Corporativa (IBGC).

Quando essas diretrizes são levadas para o campo, elas se refletem em decisões melhores, uso mais eficiente de recursos, relacionamentos mais saudáveis com comunidades e fornecedores, e maior capacidade de atrair investidores, parceiros e talentos. No agronegócio, isso se traduz, por exemplo, em projetos de agricultura regenerativa, rastreabilidade de cadeias produtivas

uso consciente da água e do solo, e valorização da mão de obra local. Empresas que adotam essa visão têm maior aceitação nos mercados internacionais, melhor posicionamento de marca e, sobretudo, contribuem para a construção de um setor mais ético e resiliente.

Em resumo, a sustentabilidade não deve ser um departamento, mas um valor transversal. E a governança é o caminho para colocá-la em prática com consistência e impacto real. Para o agronegócio brasileiro manter seu protagonismo, será necessário amadurecer estruturas, repensar processos e alinhar propósito com performance.

Não há mais como dissociar crescimento econômico de responsabilidade socioambiental. É na interdependência entre governança e sustentabilidade que o agro encontrará sua legitimidade para o futuro.



← Escaneie o QR Code e Fale
com nossos Especialistas

NORTÈNE EXPERIENCE

O Nortène Experience é mais do que um suporte técnico; é um programa completo de acompanhamento ao cliente, garantindo eficiência e segurança em todas as etapas da jornada de compra. Do pré ao pós-venda, nosso time de especialistas, engenheiros, atendimento, marketing e comercial trabalha para oferecer as melhores soluções, sempre alinhadas às necessidades do agronegócio.

Antes da compra, auxiliamos na escolha do produto ideal, considerando as demandas específicas de cada cliente. Durante a compra, oferecemos suporte técnico e comercial, garantindo segurança e clareza na decisão. No pós-venda, acompanhamos a aplicação dos produtos, assegurando máximo desempenho e durabilidade.

Um dos nossos diferenciais são os especialistas. Estamos verdadeiramente **comprometidos com o sucesso do cliente**, do pré ao pós-venda. Precisa de auxílio no seu projeto? Aponte a câmera para o QR Code e fale com a gente. Com o Nortène Experience, nossos clientes não apenas adquirem produtos de alta qualidade, mas também contam com uma equipe dedicada a proteger mais e produzir melhor com responsabilidade.

**suporte completo
para seu Negócio**



Você **arriscaria**
perder sua
água?

NORTENE

*Protegendo mais e
produzindo melhor com
responsabilidade.*

Polimanta AGRO



**TADEU
VINO**

Ex-Superintendente
Comercial e de
Marketing da Kepler
Weber

Final de safra recorde revela gargalos no armazenamento

A safra de soja 2024/25 caminha para o encerramento com um marco histórico: mais de 167 milhões de toneladas produzidas (Conab), consolidando o Brasil como líder mundial no cultivo da oleaginosa.

Esses números refletem a força do nosso agronegócio, o avanço tecnológico e a dedicação do produtor rural. Mas, ao mesmo tempo, colocam em evidência um problema que se repete ano após ano: a limitação da capacidade de armazenagem no país.

Mesmo com a colheita avançada, ainda observamos gargalos logísticos, estoques pressionados e, em algumas regiões, produtores correndo contra o tempo para garantir que a soja colhida seja devidamente protegida. A capacidade estática de armazenagem no Brasil gira em torno de 210 milhões de toneladas (Conab), enquanto a produção total de grãos deve ultrapassar 328 milhões de toneladas (Conab) – ou seja, temos um déficit estrutural que precisa ser enfrentado com planejamento e, muitas vezes, com alternativas rápidas e eficazes. Entre essas soluções, o silo bolsa tem ganhado cada vez mais relevância. Essa tecnologia, já amplamente utilizada em diversas regiões produtoras, oferece uma alternativa prática e acessível para armazenar grãos diretamente na propriedade, com segurança e proteção contra umidade, pragas e intempéries.

Mais do que uma solução emergencial, o silo bolsa se mostrou, nesta safra, uma ferramenta estratégica. Permitiu ao produtor ganhar tempo, evitar perdas e aguardar o melhor momento para comercializar sua produção – algo crucial em um mercado volátil como o da soja. E tudo isso com investimento relativamente baixo, sem depender de estruturas fixas ou ampliação imediata de armazéns.

Com o plantio concentrado e colheitas em janelas curtas, vimos novamente os efeitos de uma logística sobrecarregada: filas nos armazéns, aumento no custo do frete, dificuldade para escoar a produção. O silo bolsa ajudou a aliviar essa pressão, funcionando como um “pulmão” de armazenagem, descongestionando o fluxo de grãos e reduzindo o impacto no transporte.

Outro ponto importante é o fator ambiental. Ao permitir que o grão permaneça por mais tempo na fazenda, o silo bolsa

reduz a necessidade de transporte imediato, o que significa menos caminhões nas estradas, menor consumo de combustível e menor emissão de carbono.

É uma solução que contribui para a sustentabilidade e mostra como tecnologia simples pode gerar impactos positivos em toda a cadeia. Claro que ainda temos um longo caminho pela frente. O Brasil precisa investir em infraestrutura de armazenagem e transporte, com visão estratégica e de longo prazo. Mas enquanto isso não acontece na velocidade ideal, soluções como o silo bolsa seguem sendo fundamentais para proteger a rentabilidade do produtor e garantir o aproveitamento total de uma safra histórica.

Encerramos esta safra com muitos aprendizados – e com a certeza de que armazenar bem é tão importante quanto produzir bem.



Você **Arriscaria**
Perder seus Grãos?



NORTENE



TRABALHE CONOSCO

VOCÊ TEM EXPERIÊNCIA NA ÁREA COMERCIAL?

Faça Parte do Grupo Nortène!

Buscamos profissionais com experiência na área comercial e alinhamento com nossos valores.

Se interessou?

Envie seu currículo para:
marketing@nortene.com.br

NORTÈNE



PROTEGER MAIS E PRODUZIR MELHOR COM RESPONSABILIDADE!



Desde 1981, Nortène é a escolha de quem realmente entende do assunto.



Conheça
a nossa
campanha.

Desenvolvido por
GODOI
DIGITAL

NORTÈNE